



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

ALISON JÚNIOR RAMOS DOS SANTOS

**REFLEXÕES DIRECIONADAS ÀS METODOLOGIAS DO ENSINO DA
LEITURA COM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
EM UMA ESCOLA PÚBLICA NA CIDADE DE MONTADAS-PB**

CAMPINA GRANDE

2022

ALISON JÚNIOR RAMOS DOS SANTOS

**REFLEXÕES DIRECIONADAS ÀS METODOLOGIAS DO ENSINO DA LEITURA
COM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM UMA
ESCOLA PÚBLICA NA CIDADE DE MONTADAS-PB**

Trabalho de conclusão de curso (Artigo),
apresentado ao Curso de Licenciatura Plena
em Letras Português da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciado em Letras – Língua
Portuguesa.

Orientadora: Prof. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro

CAMPINA GRANDE

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237r Santos, Alison Junior Ramos dos.

Reflexões direcionadas às metodologias do ensino da leitura com crianças com transtorno do espectro autista em uma escola pública na cidade de Montadas - PB [manuscrito] / Alison Junior Ramos dos Santos. - 2022.

23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro , Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Metodologia de ensino. 2. Criança. 3. Leitura. 4. Transtorno do Espectro Autista - TEA. I. Título

21. ed. CDD 372.6

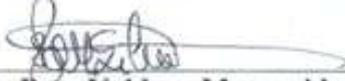
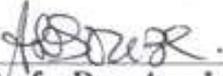
ALISON JÚNIOR RAMOS DOS SANTOS

REFLEXÕES DIRECIONADAS ÀS METODOLOGIAS DO ENSINO DA
LEITURA COM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA EM UMA ESCOLA PÚBLICA NA CIDADE DE MONTADAS-PB

Trabalho de conclusão de curso (Artigo),
apresentado ao Curso de Licenciatura Plena
em Letras Português da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciado em Letras – Língua
Portuguesa.

Aprovado em: 30/11/2022.

BANCA EXAMINADORA

	Nota: <u>10.0</u>
Prof. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro (Orientadora) Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)	
	Nota: <u>10.0</u>
Prof. Dra. Valdecy Margarida da Silva Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)	
	Nota: <u>10.0</u>
Prof. Dra. Ana Lúcia Maria de Sousa Neves Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)	

Média: 10.0

A minha mãe, Lúcia de Fátima Ramos Santos, que sempre me incentivou e me deu apoio nos estudos ao longo da minha trajetória acadêmica. Gratidão é a palavra que expressa meu sentimento a ela. DEDICO.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
1.1 Justificativa e objetivos	5
1.2 Tipo de pesquisa e metodologia	6
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
2.1 O Transtorno de Espectro de Autismo: o que é e o que significa?	7
2.2 A aprendizagem da leitura e da escrita: o que é e o que significa?	11
2.3 Quando ensinar habilidades de leitura para crianças com autismo	12
2.4 Há requisitos para desenvolver habilidades de leitura para uma criança com TEA?	13
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA	14
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS	18

**REFLEXÕES DIRECIONADAS ÀS METODOLOGIAS DO ENSINO DA LEITURA
COM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM UMA
ESCOLA PÚBLICA NA CIDADE DE MONTADAS-PB**

**REFLECTIONS DIRECTED TO THE METHODOLOGIES OF TEACHING
READING TO CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER IN A PUBLIC
SCHOOL IN THE CITY OF MONTADAS-PB**

Alison Júnior Ramos dos Santos¹

RESUMO

O presente artigo tem o **objetivo geral** de analisar como são desenvolvidas as metodologias utilizadas em leitura com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma escola de ensino fundamental na cidade de Montadas-PB. E os objetivos específicos voltam-se para: a) identificar quais meios o professor utiliza para acompanhar o desenvolvimento e aprendizagem de alunos com autismo; b) identificar como vem sendo desenvolvida a relação do aluno com autismo no tocante à oralidade direcionada ao ensino e aprendizagem. **Metodologia:** a presente pesquisa inscreve-se num estudo exploratório, com abordagem qualitativa, utilizando como instrumento uma entrevista com perguntas previamente estabelecidas a duas professoras do ensino fundamental da Escola Helena José Porto na cidade de Montadas – PB. Por fim, a partir deste estudo, fica evidente que a formação e as informações dos docentes são insuficientes para desenvolverem um trabalho satisfatório e significativo com seus discentes.

Palavras-chave: Metodologia de ensino. Criança. Leitura. Transtorno do Espectro Autista - TEA.

ABSTRACT

This article has the general objective of analyzing how the methodologies used in reading with children with Autistic Spectrum Disorder (ASD) are developed in an elementary school in the city of Montadas - PB. And the specific objectives are aimed at a) identifying which means the teacher uses to monitor the development and learning of students with autism; b) identifying how the relationship of the student with autism has been developed about orality directed to teaching and learning. **Methodology:** the present research is part of an exploratory study, with a qualitative approach, using as an instrument an interview with previously established questions to two elementary school teachers from the Helena Jose Porto School in the city of Montadas - PB. Finally, from this study, it is evident that the training and information of teachers are insufficient to develop a satisfactory and meaningful work with their students.

Keywords: Teaching Methodology. Children. Reading. Autism Spectrum Disorder – ASD.

¹ Graduando do curso de Letras-Português da universidade Estadual da Paraíba – Campus I – Campina Grande – PB.

1 INTRODUÇÃO

A educação das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um grande desafio para as escolas e para a sociedade. Faz-se necessário realizar algumas adaptações curriculares para a escolarização de alunos com autismo, além de um corpo docente preparado (OLIVEIRA, 2019). Sendo assim, pode-se afirmar, a partir do que foi descrito, que crianças autistas enfrentam muitas dificuldades na aprendizagem e precisam de constante auxílio em sua vida. A criança com autismo deseja que seu ambiente educativo seja sempre o mesmo, não havendo grandes modificações, e isso se estende também para o educador, com o intuito que aconteça adaptação da criança com o ambiente em geral.

De acordo com Gomes (2013), o tema da inclusão educacional de alunos com autismo nas escolas regulares tem sido recorrente na literatura especializada. No entanto, há muito que se explorar sobre as atividades pedagógicas desenvolvidas com esse público.

Outro fator que vem tendo uma grande importância, e que precisa ser ressaltado é que os TEA² são muito mais sucessivos do que se imaginava em décadas atrás, ou seja, situação que precisa ser analisada no planejamento de políticas públicas, tanto no campo da educação quanto no da saúde.

Segundo Fombonne (2009) “Os estudos atuais, quase todos realizados em países desenvolvidos, apontam taxa de prevalência de TEA entre 0,6% e 1%” (apud PAULA; OLIVEIRA, 2018, p. 54). De acordo com Paula (et al., 2011) “Um estudo piloto brasileiro estimou uma prevalência de 0,3% em crianças de 7 a 12 anos de idade de um município típico do Estado de São Paulo” (apud PAULA; OLIVEIRA, 2018, p. 54).

Levando em conta as taxas expressivas de prevalência desse transtorno e suas particularidades clínicas, crianças com esse quadro precisam receber um cuidado especializado no desenvolvimento de sua escolarização. Além disso, é essencial analisar como o professor vai perceber o desenvolvimento de seu aluno com autismo no ambiente escolar.

Perante o que foi exposto, e apesar de existirem políticas de inclusão escolar a quase duas décadas, o ensino de alunos com TEA ainda é um assunto bastante polêmico de modo que estudos na área são importantes para ofertar auxílio nesse cenário refletindo na concepção de políticas públicas. Nesta perspectiva, esse estudo será relevante para que o graduando do curso de Letras também tenha o comprometimento com os métodos de ensino vivenciados em oralidade, pois nada adianta termos um aluno com necessidades educacionais especiais matriculado na escola se não houver pessoas comprometidas com os mesmos.

Atualmente, ainda existe uma deficiência na inclusão de alunos com autismo, fazendo com que eles tenham maiores dificuldades em seu aprendizado no contexto escolar, devido à métodos de ensino, não só aplicados de forma inadequada, mas considerados inadequados. Pois, a linguagem e comunicação no autismo, seja ela verbal e/ou não verbal, é a chave para que a criança tenha um desenvolvimento cognitivo, social e, assim, ela venha a ter melhores condições no seu desenvolvimento escolar.

O uso do suporte visual por meio de figuras, seja expressando ações, momentos e situações do cotidiano, aumenta a competência de leitura do aluno. Assim como o trabalho com vocabulários que sejam dentro do contexto da criança. Portanto, uma boa aplicação dos conhecimentos em linguagens é de suma importância para o desenvolvimento da criança autista.

1.1 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

É importante justificar a necessidade de desenvolver esse trabalho, em face das

² Aviso ao leitor que a sigla TEA será utilizada em todo corpo do texto.

reflexões apresentadas acima, de modo que sempre me inquietei como são desenvolvidas às metodologias utilizadas em leitura com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), diante do meu compromisso político como professor da área de linguagem, porque não me sentia confortável com essa situação enfrentada pelos professores de uma escola de ensino fundamental na cidade de Montadas-PB.

Em razão disso, o **objetivo geral** desse estudo é analisar como são desenvolvidos os métodos utilizados em leitura com crianças com Transtorno do Espectro de Autismo (TEA) em uma escola de ensino fundamental na cidade de Montadas-PB. E os objetivos específicos voltam-se para: a) identificar quais meios o professor utiliza para acompanhar o desenvolvimento e aprendizagem de alunos com autismo; b) identificar como vem sendo desenvolvida a relação do aluno com autismo no tocante à oralidade direcionada ao ensino e aprendizagem.

1.2 TIPO DE PESQUISA E METODOLOGIA

Esse trabalho está centrado na pesquisa qualitativa, que é geralmente realizada no local dos fatos (objetos de estudo) e visa demonstrar resultados em um sentido coerente, ou seja, o significado é coerentemente produzido pelo desenvolvimento científico investigativo. Sabendo que esse tipo de pesquisa possibilita investigar fatos e compreendê-los no contexto em que ocorreram ou ocorrem à medida que os pesquisadores vão para o campo investigar e coletar dados, analisando-os para poder entender a dinâmica dos fatos (PROETTI, 2018).

A presente pesquisa inscreve-se num estudo exploratório, com abordagem qualitativa, utilizando como instrumento uma entrevista com perguntas previamente estabelecidas e que foram encaminhadas as professoras³ Fernanda⁴ e Bruna⁵ do ensino fundamental da Escola Helena José Porto, onde se buscou analisar como os métodos estão sendo aplicados pelas professoras durante a inserção do aluno com TEA na presente escola. Por essa razão, compreendemos que:

A pesquisa qualitativa tem o seu ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Segundo os autores, a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo (MENGA; LUDKE, 1986, p. 11).

Por outro lado, este estudo busca demonstrar às metodologias utilizadas no ensino, de acordo com as necessidades dos alunos autistas na escola mencionada, ressaltando atividades que promovam a linguagem e comunicação a fim de facilitar e permitir o desenvolvimento escolar dessas crianças. Essa pesquisa se apoia na importância de se verificar como os docentes atuam com os autistas no dia a dia da escola, em busca de meios que venham a contribuir para o desenvolvimento cognitivo, social e acadêmico desses alunos na instituição de ensino EMEIF Helena José Porto.

E, por último, este estudo está organizado da seguinte forma: uma introdução, incluindo justificativa, objetivos, tipo de pesquisa e metodologia. Posteriormente, na fundamentação teórica, têm-se os tópicos que tratam sobre o autismo; a aprendizagem da leitura e da escrita para crianças com autismo; quando ensinar habilidades de leitura e os

³ O nome real das professoras não será revelado para resguardar suas identidades, por isso usaremos um nome fictício.

⁴ Licenciatura em pedagogia, pós-graduação em psicopedagogia e gestão escolar.

⁵ Licenciatura em pedagogia, pós-graduação em psicopedagogia institucional e clínica e atendimento educacional especializado em educação inclusiva.

requisitos para desenvolvimento das mesmas. Seguido da análise e discussão dos resultados, considerações finais e referências.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O TRANSTORNO DE ESPECTRO DE AUTISMO: O QUE É E O QUE SIGNIFICA?

De acordo com Silva (2012), a palavra autismo vem do grego *autos* e significa *voltar-se para si mesmo*. Termo este usado pela psiquiatria a fim de nomear o comportamento humano o qual se encontra concentrado em si mesmo, voltado para o próprio indivíduo (UCHÔA, 2015). Em 1911, o psiquiatra austríaco Eugen Bleuer foi um dos precursores onde evidenciou o termo esquizofrenia (mente dividida) e utilizou a palavra autismo para descrever um dos estados esquizofrênicos relacionado à incapacidade de convívio social, neste sentido, o psiquiatra seguia a mesma linha freudiana a qual julgava o autismo uma psicose.

É um transtorno invasivo do desenvolvimento, marcado pela existência de anormalidades ou comprometimentos que se apresentam antes dos três anos de idade, visto que, a contar dessa idade, o desenvolvimento da linguagem se torna mais significativo possibilitando o diagnóstico precoce e um rápido tratamento (ALVES, 2015). É um estado de saúde caracterizado por causar prejuízo em três áreas-chave do desenvolvimento humano: socialização, comportamento e linguagem. Além disso, o autismo encontra-se dentro de um espectro, ou seja, dentro dele existem inúmeras variações e, portanto, não se pode limitá-lo a uma única característica (SILVA, 2021).

Quanto à variação do autismo, ele pode se manifestar em três diferentes níveis, sendo eles: a) **leve**, quando apresenta dificuldades em iniciar uma relação social com outras pessoas e, além disso, existe um desinteresse em interagir com os demais; b) **moderado**, apresenta-se de forma um pouco mais grave de deficiência nas relações sociais e na comunicação verbal e não verbal; c) **grave**, têm-se dificuldades notórias para iniciar uma interação social, além de uma dificuldade extrema em lidar com a mudança e com comportamentos repetitivos (VITORINO, 2019).

O diagnóstico do autismo é dado de forma clínica através da observação direta do comportamento da criança, acompanhado de uma entrevista com os pais ou os responsáveis, visto que, são eles os primeiros a perceberem os sintomas (VITORINO, 2019).

Crianças consideradas “normais”, já respondem desde pequenas aos estímulos internos, como por exemplo, o choro quando está com fome. No entanto, a criança autista não expressa esse tipo de reação, visto que, ela fica isolada do ambiente social. Logo, a criança com TEA não é capaz de ter uma interação social e, frequentemente, isso afeta o seu comportamento que por muitas vezes é agressivo, inibindo também a sua comunicação verbal (UCHÔA, 2015).

As crianças com TEA não escolhem ficar isoladas, tal fato ocorre devido ser uma necessidade intrínseca delas, uma vez que, se socializar pareça ser algo ameaçador, em virtude da falta de habilidade em lidar com as pessoas, por não saberem ou não terem aprendido a constituir vínculos (SILVA, 2012).

É de suma importância para uma criança com TEA que a mesma tenha uma convivência com outras crianças de mesma idade, principalmente, devido ao estímulo que tal convívio irá proporcionar na sua capacidade de interação e, também, no desenvolvimento de sua competência social. Portanto, faz-se necessário evitar que as crianças com TEA fiquem isoladas das demais, a fim de mostrar a elas que é possível a interação e inclusão (ANTUNES, 2015).

E por tratarmos da questão da inclusão de alunos com autismo no ensino regular, é oportuno ressaltar que, de acordo com o capítulo V da Lei de Diretrizes e Bases (LDB)

(9394/96), que trata sobre a Educação Especial, que afirma que é um direito do aluno com autismo à sua inclusão (BRASIL, 1996). Assim, como também, a Constituição Federal, que trata dos direitos das pessoas portadoras de deficiências, afirmando que a escolarização destes deve ser oferecida, preferencialmente, na rede regular de ensino, proporcionando aos mesmos, currículo, métodos, técnicas, recursos educativos específicos para atender às suas necessidades, dentre outros (BRASIL, 1988).

De acordo com (BISCHOFF; SANTOS; MUNCINELLI, 2006.),

A universalização da educação básica proporcionou um aumento de alunos nas escolas regulares, reforçando a diversidade como característica constituinte da sociedade. À luz dos direitos humanos, pode-se constatar que a diversidade enriquece e humaniza a sociedade, quando reconhecida, respeitada e atendida em suas peculiaridades (apud REDMERSKI, 2018, p. 31).

Além disso, segundo Cunha (2013),

[...] Essa concepção de educação foi nomeada de educação inclusiva, a qual reconhece e atende às diferenças individuais do aluno não como um problema, mas como características inerentes ao indivíduo, respeitando as suas necessidades educacionais, sendo eles com deficiência ou não. O conceito de educação inclusiva é amplo e complexo e se baseia num sistema de valores no qual todos os alunos se sintam pertencentes ao ambiente escolar (apud REDMERSKI, 2018, p. 31).

Partindo do que foi dito acima, observamos o quanto a Educação Inclusiva é importante na caminhada para o alcance dos direitos humanos, mas ainda se faz necessário grandes transformações.

Acreditamos que as grandes transformações estão, de certa forma, calcadas nos marcos políticos legais da Educação Especial numa perspectiva da Educação Inclusiva, de modo que Antunes (2015) discorre sobre a necessidade de adaptação do currículo para que seja possível atender as necessidades das crianças. E, além disso, é importante que o ensino esteja relacionado às experiências práticas dos alunos, a fim de motivá-los. A autora ainda destaca que é importante que as avaliações sejam revistas com o intuito de supervisionar e avaliar o progresso do aluno, visto que, o aluno apresenta dificuldades em acatar a imposição de uma avaliação tradicional.

Uma educação mais inclusiva ainda é um desafio para muitos professores, diante disso, Redmerski (2018, p. 41) cita que: “Os alunos com autismo incluídos na escola regular, de forma geral, causam um grande impacto nos agentes educacionais, principalmente, quando estes se deparam com reações comportamentais típicas do autismo”. Ainda segundo a autora, “Essas características peculiares nas áreas cognitiva, afetiva e comportamental dos educandos com TEA não podem ser ignoradas no contexto da sala de aula regular, uma vez que essas especificidades podem interferir nas interações desenvolvidas entre professores e colegas”.

Diante do exposto acima, Antunes (2015) destaca que a formação dos profissionais e professores nesta área é um fator preponderante para que a Educação Inclusiva alcance êxito. Logo, se faz necessário oferecer cursos com a finalidade de trazer até o docente a possibilidade de aproximar sua prática no assunto em questão.

Pois, de acordo com Sousa (2015), é perceptível o quanto os profissionais da educação necessitam de uma formação adequada para que, dessa forma, os mesmos atendam da melhor maneira possível às demandas destes alunos, garantindo os seus direitos para que usufruam de uma educação de qualidade.

Além disso, Segundo Antunes (2015), a escola tem um papel primordial na mediação

entre estado e professor. Tal função busca atender da melhor forma possível não apenas o aluno com TEA, mas todos os demais. Portanto, isso possibilita que os discentes com dificuldades de aprendizagem sejam tratados de forma igualitária, respeitando seus limites e desenvolvendo métodos que sejam viáveis no processo de ensino-aprendizagem.

Com relação às atividades praticadas em sala de aula, Silva e Almeida (2012) enfatizam que:

[...] várias práticas exercidas com o educando exigem organização e atenção na elaboração das atividades de maneira lúdica, a fim de atingir o objetivo planejado, desenvolvendo a autonomia, a cooperação dos colegas, propiciar a participação de todos durante ensino-aprendizagem, tendo como resultado o avanço do educando em relação aos conhecimentos e independência (apud ONOHARA; SANTOS CRUZ; MARIANO, 2018, p. 297).

Em se tratando das práticas pedagógicas, Pelin (2013, p. 29), destaca o seguinte:

Atendendo à necessidade, o ensino precisa ser encarado numa perspectiva individualizada, onde será a melhor forma de servir as necessidades próprias de cada criança, não se pode afirmar que existam "receitas" específicas para o trabalho, com os alunos com necessidades especiais, mas o aperfeiçoamento do professor que atua na educação especial e no atendimento educacional especializado seja constante, abarcará o diferencial entre o assessoramento pedagógico e a viabilização dos saberes científico e acadêmico dos alunos”.

No caso do ensino para os TEA, Powers apud Coll; Marchesi; Palacios & Cols (2004) expõem o seguinte:

As principais características que deve ter os métodos para crianças autistas podem ser assim descritos como: serem estruturados e baseados nos conhecimentos desenvolvidos pelas modificações de conduta; ser evolutivos e adaptados às características pessoais dos alunos; ser funcionais e com uma definição explícita de sistemas para a generalização; envolver a família e a comunidade; e por fim ser intensivos e precoces (apud PELIN, 2013, p. 30-31).

A partir do momento que ocorre uma maior inclusão dentro do ensino regular, os professores têm mais dificuldades em desenvolver uma prática pedagógica que seja comum a todos, principalmente devido à essa maior diversidade de alunos que, conseqüentemente, aumentam as diferenças individuais.

Portanto, para ajudar nessa questão, Ainscow (1997) conforme citado por Redmerski (2018), apresenta três fatores-chave que induzem a prática pedagógica com princípios inclusivos:

- Planificação das atividades para a classe, como um todo. Assim, o professor deve desenvolver o mesmo conteúdo para todos os alunos, por exemplo;
- Utilização do conhecimento, das experiências e vivências de cada um. Reconhece-se a capacidade dos alunos para contribuir para a respectiva aprendizagem;
- Flexibilidade. O professor deve ser capaz de fazer uma alteração de planos e atividades em resposta às reações dos alunos, encorajando uma participação ativa.

Tendo em vista a grande diversidade de alunos em sala de aula é importante que os professores utilizem diferentes mecanismos pedagógicos, como por exemplo: utilização de

elogios, incentivar à autonomia, materiais adaptados e metodologias de ensino, incentivo à aprendizagem colaborativa.

Redmerski (2018) apresenta um quadro, abaixo, com algumas atividades que podem ser desenvolvidas com os alunos autistas. Essas atividades foram elaboradas observando a necessidade do aluno assim como os benefícios dessas.

Quadro 01 - Atividades para prática pedagógica

Área de atuação	Atividades e materiais
Atividades para a comunicação, cognição e linguagem.	Livros, jogos coletivos, pareamento do concreto com o simbólico, música, desenho, pintura, jogos e atividades que utilizem o raciocínio lógico.
Atividades para o desenvolvimento matemático.	Blocos lógicos, pareamento do concreto com o simbólico, encaixes geométricos, jogos e atividades que utilizem novas tecnologias digitais, atividades com temas do cotidiano e que estimulem o raciocínio lógico- matemático.
Atividades para socialização.	Atividades esportivas individuais e coletivas; atividades pedagógicas em que o aluno possa compartilhar com a turma o seu saber; atividades que possam ser realizadas por todos os alunos.
Atividades para o desenvolvimento do foco de atenção.	Atividades e pesquisas em distintas áreas do conhecimento sobre temas que o educando tem interesse; atividades com novas tecnologias digitais, recortes diversos com tesoura, música, artes, desenho, pintura e vida prática.

Fonte: (CUNHA, 2013a, p. 95 apud REDMERSKI, 2018, p. 43-44).

Para tanto, segundo (CUNHA, 2011b apud REDMERSKI, 2018, p. 44) essas atividades devem:

- ser curtas;
- ser do interesse do aluno;
- promover a autonomia do aluno;
- promover a construção de vínculos afetivos;
- não devem ser fixas.

Portanto, é indispensável atentar-se para o comportamento do aluno diante das atividades propostas. Sendo assim, tais atividades precisam ser selecionadas, de acordo com as características de cada aluno.

E, sem sendo assim, uma das formas de identificar como o aluno autista está progredindo na escola é através da avaliação de aprendizagem que é expressa na Política Nacional para Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

Conforme Redmerski (2018, p. 49) sobre a avaliação de aprendizagem reflete o seguinte:

[...] Essa política explica que a avaliação de aprendizagem é um processo dinâmico, que deve levar em conta o conhecimento prévio e o nível atual de desenvolvimento do aluno, considerando as possibilidades de aprendizagem futura. Também deve analisar o desempenho do aluno em relação ao seu progresso individual, prevalecendo na avaliação os aspectos qualitativos. No processo de avaliação, o professor deve criar estratégias que proporcionem condições de acesso aos conteúdos escolares.

Nessa direção, para embasar o trabalho trabalharemos o aspecto da oralidade, a partir do texto "Estratégias para estimular a aprendizagem, a oralidade e a interação social de um aluno com características de autismo" de Antunes, 2015.

2.2 A APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA: O QUE É E O QUE SIGNIFICA?

A palavra "leitura", oriunda do verbo "ler", é um método de captação de certas informações que são armazenadas em um suporte e acaba sendo propagada por determinados códigos, como no caso da linguagem (MARTINS, 1983).

Para Ciríaco (2020), a leitura é um método de compreensão amplo através do qual estão incluídos, entre outras coisas, aspectos neurológicos, naturais, econômicos e políticos. A respeito da correspondência entre os sons e os sinais gráficos, o autor expõe que:

A correspondência entre os sons e os sinais gráficos pela decifração do código e compreensão do conceito ou ideia; corresponde a um ato de compreensão, ou seja, uma busca daquilo que o texto pode significar, da mesma forma que se procura extrair significado da linguagem falada; para que a leitura seja possível, é necessário que compreendamos símbolos (significantes) e aqueles que simbolizam (significados) (CIRÍACO, 2020, p. 1).

No caso da escrita podemos entender a mesma como sendo uma representação da linguagem oral e, neste caso, Ciríaco (2020, p. 1) afirma que: "[...] como tal, escrever também diz respeito a um ato de significar, de representar ideias, conceitos ou sentimentos, por meio de símbolos, mas de origem gráfica e não sonora".

Entendemos que a leitura é uma prática prazerosa para os leitores e que somos capazes de utilizá-la de certo modo como auxílio no processo de algumas enfermidades (SILVA, 2018).

Diante disso, acerca da aplicação da leitura em crianças com TEA, Roque e Canedo (2015) expõem que o processo de inclusão da criança no mundo da leitura precisa ser iniciado antes de sua alfabetização, por meio de técnicas de leitura, buscando estimular a sua criatividade, e estas técnicas podem ser realizadas tanto pelos professores quanto pela própria família da criança.

Em uma pesquisa sobre a aprendizagem da leitura e da escrita em crianças com TEA, Silva (2011) constatou que a melhor forma de alfabetizar essas crianças é através de vários métodos ou um método misto de aprendizagem. Além disso, o autor concluiu que existem alunos com TEA que escrevem, mas não são capazes de ler o que escreveram. É importante destacar que esse estudo foi realizado com apenas 3 (três) crianças, no entanto, o mesmo apresenta questões importantes acerca do aprendizado da leitura e escrita em crianças autistas.

Outro ponto importante está relacionado ao fato de que a aprendizagem das habilidades de leitura facilita a compreensão dos estímulos à sua volta, as relações com os

outros e a aproximação com o conteúdo escolar, ou seja, desempenham um papel importante na vida dos alunos (GOMES; CARVALHO; SOUZA, 2014).

A aprendizagem de habilidades em leitura pode beneficiar crianças com TEA, visto que, isso irá permitir maior entendimento e interação com o meio, entretanto, o processo de ensino de habilidades de leitura é uma tarefa árdua e por muitas vezes desafiadora. Isso ocorre devido ao fato de tais habilidades serem complexas e, além do mais, as crianças com TEA podem ter dificuldades em aprender pelo modo convencional de ensino, sendo necessária uma adequação pedagógica (GOMES; CARVALHO; SOUZA, 2014).

Diante disso, Silva (2018) relata que os profissionais que trabalham com crianças devem incentivá-las à prática da leitura partindo da necessidade de cada uma. Para tanto, devemos buscar leituras que despertem o interesse de cada indivíduo. Neste sentido, Santos (2019) explica que cada vez mais as práticas educativas vêm sendo aperfeiçoadas para que se possa acompanhar o desenvolvimento do aluno que se encontra inserido no processo de ensino e aprendizagem. Além do mais, existem alguns fatores que influenciam nas mudanças das práticas já existentes, a saber: fatores sociais, culturais e econômicos. No entanto, dentre estes, os fatores socioculturais são os mais observados, visto que, é por meio da vivência dos alunos e do seu contexto social que é possível elaborar atividades pedagógicas para atender as necessidades e particularidades de cada aluno.

2.3 QUANDO ENSINAR HABILIDADES DE LEITURA PARA CRIANÇAS COM AUTISMO

O TEA configura-se como sendo um quadro muito heterogêneo e, diante das variadas características das pessoas com autismo, torna-se um grande desafio, tanto para os pais, quanto para os profissionais da educação que, queiramos ou não, é o real mediador do conhecimento que, nesse caso, contribuem significativamente para o ensino de novas habilidades (GADIA, 2016). Com isso, segundo Gomes (2015), é importante que as habilidades de leitura sejam ensinadas o quanto antes, preferencialmente, em idade escolar. Devido às dificuldades enfrentadas por muitas crianças com autismo é aconselhável que a alfabetização seja iniciada de forma precoce, entre 4 (quatro) e 5 (cinco) anos. A justificativa dessa alfabetização precoce é decorrente do fato de que, se a criança é diagnosticada com TEA, significa dizer que enfrentará dificuldades nesse processo. E, é por essa razão que esta criança terá muito mais tempo para aprender, além de não se sentir mais atrasada em relação as outras crianças, de modo que passa a não comprometer o acompanhamento do conteúdo escolar.

Atualmente, existe uma ampla consciência de que, para uma criança autista aprimorar suas habilidades e aprendizagem na sociedade, é fundamental que ela esteja inserida na escola, a fim de que seja contemplada com uma educação inclusiva. Porém, em virtude de o professor não apresentar uma formação específica e/ou não se interessar em estudar e pesquisar sobre para que o seu trabalho não deixe a desejar quando está sendo direcionado à uma criança com autismo (UCHÔA, 2015).

No processo de inclusão é de suma importância que as mediações contemplem adequações de acordo com as necessidades das crianças com autismo. Para tanto, fica a cargo da escola proporcionar contextos e ambientes que ajudem no desenvolvimento da comunicação, atividades e experiências de socialização e estímulos para o comportamento social (MATTOS; NUERNBERG; 2011).

Nessa direção, também é importante destacar que, para que seja dado início ao processo de escolarização faz-se necessário que a criança se adapte ao ambiente para que, dessa forma, também possa requerer dela sua habilidade de comunicação (RODRIGUES; ALMEIDA, 2020).

De acordo com Souza e Santos (2021) o método de aprendizagem da criança com TEA envolve duas etapas: **primeiramente**, de forma individual usando como suporte para a construção de habilidades específicas, a **sala de recursos**, a fim de ressaltar a mudança de alguns comportamentos e aprendizados relacionados aos modelos de comunicação e interação. **Posteriormente**, dá ênfase ao trabalho por intermédio da socialização, quando da experiência em sala de aula regular, sendo esta de suma importância para a interação e convívio social. Os autores ainda destacam que é de significativa importância uma postura investigativa, afetiva e mediadora por parte do professor para que ele saiba quais são as necessidades e dificuldades das crianças, que são diagnosticadas com TEA.

2.4 HÁ REQUISITOS PARA DESENVOLVER HABILIDADES DE LEITURA PARA UMA CRIANÇA COM TEA?

A compreensão da leitura é uma habilidade essencial no processo de ensino e aprendizagem de crianças, visto que, ela ajuda no processo de captação dos conteúdos das disciplinas escolares. Sendo assim, havendo um déficit na aprendizagem dos conteúdos ministrados em sala de aula será necessário que o discente interprete o material lido para, então poder assimilá-lo. Desse modo, um déficit na habilidade de compreensão de leitura é capaz de ocasionar um desfavorecimento em seu rendimento escolar (SANTOS; FERRAZ, 2017).

No que tange às dificuldades enfrentadas pelas crianças autistas em relação à aprendizagem, Meyer (2018) relata que são muitas e acontecem, principalmente, na área da leitura e compreensão, inclusive, também, com crianças consideradas com inteligência normal. Desse modo, Gomes, Carvalho e Souza (2014) apresentam as diferenças entre leitura oral e leitura com compreensão. Sendo a primeira uma resposta vocal sob controle de palavra impressa, a qual crianças com TEA têm melhor desempenho, sem necessidade de compreender o que está escrito nele, enquanto que a segunda exige que seja entendido o conteúdo expresso no texto.

Segundo Gomes (2015), existem requisitos que são necessários para desenvolver habilidades de leitura em uma criança com TEA, por exemplo, ser capaz de realizar e finalizar atividades simples, executar o emparelhamento entre palavras impressas e nomear figuras e vogais, são algumas das condições necessárias ao ensino de leitura. No entanto, se o aluno não apresentar tais condições será necessário prepará-lo antes da prática da leitura, propriamente dita.

De acordo com Gadia (2016), para uma maior eficiência na compreensão da leitura podemos usar recursos combinados como, por exemplo, tutores, uso de suportes visuais e programas interativos, a fim de desenvolver e aumentar a compreensão de leituras e a capacidade de realizar e responder perguntas com relação ao texto.

Outro aspecto importante é que a escola deve conhecer as características das crianças com TEA para que seja possível encontrar as acomodações necessárias para elas, além do mais, é interessante a apresentação de palestras e minicursos com o intuito de buscar novas informações a fim de formar os profissionais, que irão lidar com esses alunos, bem como organizar programas de incentivo à educação para vários perfis, pois os alunos com TEA podem possuir diferentes estilos e potencialidades (PAULINO, 2015).

Neste sentido, Chiote (2013) aponta que:

[...] Incluir a criança com autismo vai além de colocá-la em uma escola regular, em uma sala regular; é preciso proporcionar a essa criança aprendizagens significativas, investindo em suas potencialidades, constituindo, assim, o sujeito como um ser que

aprende, pensa, sente, participa de um grupo social e se desenvolve com ele e a partir dele, com toda sua singularidade (CHIOTE, 2013, p. 21).

Com base nesse autor, é preciso que a escola trate, com muita seriedade, a questão da inclusão da criança com TEA, porque não basta, apenas, apropriar-se da teoria, mas, apropriar-se da teoria, de modo que esta seja posta em prática, a partir do momento em que se oportuniza a criança aprendizagens significativas, desde o momento em que o professor possa ver nessa criança um sujeito que aprende, pensa e se desenvolve, a partir do respeito a sua singularidade.

De acordo com Sousa (2015), outro aspecto importante para a inclusão do aluno com TEA deve partir da própria escola, onde a mesma tem de proporcionar a interação social do aluno autista com os demais discentes, para que sejam desenvolvidas entre eles as habilidades relacionadas à linguagem.

Paim (2019) traz outra reflexão muito importante quando afirma que, para que o professor consiga obter uma “boa” atuação em sala de aula com alunos autistas, faz-se necessário preparar, com muita seriedade e com muito compromisso, suas práticas pedagógicas, de modo a investir na aprendizagem, ao buscar conhecer as características e singularidades destas crianças. Pois só assim, maiores serão as chances de os educadores identificarem as probabilidades de aprendizado do seu aluno portador de TEA. E, para corroborar com essa ideia vale reforçar que, também, é de grande importância para os educadores ter conhecimento dos diversos métodos de intervenções, sejam estes comportamentais ou educacionais, mais utilizados no tratamento de crianças autistas e, assim, contribuir para que os professores possam comprometer-se com as práticas pedagógicas que atendam as reais necessidades, concernentes à singularidade de cada criança.

Félix (2017) ainda nos alerta para o fato de que é de grande importância que o professor, antes de tudo, programe suas atividades, de forma que mantenha as crianças informadas do que irá ocorrer em sala de aula, a fim de que elas fiquem mais à vontade e incluídas com o restante da turma, ao trabalhar as atividades. Contudo, para Sousa (2015) a formação por si só não é suficiente, pois toda atividade realizada deve refletir o lado humanístico.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Para chegar ao resultado da pesquisa, foram analisados os dados desse estudo por meio das respostas coletadas nas entrevistas. As perguntas com as respectivas respostas das professoras Fernanda e Bruna⁶ se encontram nos Quadros abaixo.

Na primeira pergunta foi apenas questionado a idade e o sexo dos alunos às professoras, além disso, é importante frisar que o aluno da professora Fernanda frequenta o primeiro ano do fundamental I, enquanto que o aluno da professora Bruna é do segundo ano do fundamental I.

Quadro 02: Entrevista – Pergunta 1

Qual a idade e o sexo do(s) aluno(s) autista(s) presente(s) na sua turma?	
PROFESSORA FERNANDA	PROFESSORA BRUNA
Idade: 06 anos – Sexo: Masculino	Idade: 08 anos – Sexo: Masculino

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na pergunta seguinte, será discutida a fala das professoras quando elas foram questionadas sobre o que é o TEA.

⁶ Esses nomes citados não são os nomes reais das professoras pesquisadas (GRIFOS MEUS).

Quadro 03: Entrevista – Pergunta 2

O que você entende por Transtorno de Espectro de Autismo (TEA)?	
PROFESSORA FERNANDA	PROFESSORA BRUNA
Algumas situações que interferem tanto no comportamento social da criança quanto na comunicação e na linguagem.	Distúrbio do neurodesenvolvimento com características onde há manifestações comportamentais assim como déficits em se comunicar e interagir socialmente além de comportamentos repetitivos bem como outros.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Foi observado que ambas as professoras têm certo entendimento sobre o TEA, dando ênfase ao comportamento social e comunicação como principal definição da síndrome. No entanto, a professora Bruna aparenta ter um conhecimento um pouco mais aprofundado sobre o autismo, apesar de não ter mencionado outras características que podem vir a ser exibidas por crianças autistas.

Diante disso, Freitas (2006) afirma que “quando a inclusão é refletida ela leva-nos inevitavelmente a repensar a relação entre a formação do professor e as práticas pedagógicas”. Portanto, os professores, de uma forma ou de outra, necessitam repensar a sua prática pedagógica, a partir de sua formação, seja esta inicial ou continuada, acreditando que só, assim, possam estar preparados para combater os desafios e desenvolver novas metodologias para serem postas em sala de aula.

Lamentavelmente, a meu ver, mesmo sendo uma realidade, hoje, encontramos nas escolas professores com pouco ou quase nenhum conhecimento sobre o TEA, percebe-se que os professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I ainda não estão, de uma forma ou de outra, preparados para trabalhar com crianças que possuem esse tipo de transtorno.

O Quadro 04 apresenta a terceira pergunta feita às professoras, trata do seu entendimento acerca da inclusão de uma criança autista no ambiente escolar.

Quadro 04: Entrevista – Pergunta 3

O que você entende por incluir uma criança com TEA?	
PROFESSORA FERNANDA	PROFESSORA BRUNA
Oferecer a ela elementos que contribuam para a sua aprendizagem e desenvolvimento das suas potencialidades que sejam capazes de fazer com que ela possa superar as suas dificuldades.	Incluir a mesma nas atividades diárias realizadas em sala junto com todos os colegas de turma, desde que a sua atividade seja a mesma, porém adequada a sua realidade no que se refere ao desenvolvimento da aprendizagem.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Observa-se que ambas compreendem a inclusão escolar e estão preocupadas em inserir seus alunos especiais, principalmente, os alunos com TEA na sala de aula do ensino regular para que assim obtenham os mesmos direitos dos alunos considerados “normais”.

Neste sentido, para Sousa (2015) a inclusão acontece na sala de aula, sendo que, a visão do professor e seu comportamento docente sustentam uma perspectiva inclusiva, dando sentido ao trabalho em sala de aula, que beneficia a socialização, integração e desenvolvimento dos alunos com autismo.

Ainda assim, conforme Bandim (2011) para que ocorra a real inclusão faz-se necessário garantir a permanência dos alunos na unidade de ensino, bem como professores preparados, especialmente no entendimento das características da criança com TEA e, em caso de necessidade, a presença de auxiliares pedagógicos. Ainda, segundo esse autor, é importante que as classes estejam preparadas para receberem esses alunos especiais, incluindo

até as intervenções específicas e individualizadas para cada estudante com TEA. Pois, para Sousa (2015) os professores carecem de mais preparo, para que possam proporcionar aos alunos autistas o que é legalmente garantido por lei, ou seja, o direito de aprender e viver em sociedade.

Além disso, Mantoan (2003) afirma que a inclusão, entre outras coisas, é o “[...] privilégio de conviver com as diferenças”, ou seja, a partir do momento que alunos e professores notarem e compreenderem as diferenças de cada um, tal fato fará com que os mesmos reconheçam a importância da inclusão.

Com relação à quarta pergunta da entrevista, o Quadro 05 abaixo apresenta as respostas das professoras sobre os requisitos para o desenvolvimento das habilidades de leitura em crianças com TEA.

Quadro 05: Entrevista – Pergunta 4

Você sabe que existem requisitos que são necessários para desenvolver habilidades de leitura em uma criança com TEA. Se sim, qual(is)?	
PROFESSORA FERNANDA	PROFESSORA BRUNA
Sim. A criança precisa saber que as palavras são compostas de letras, e que cada letra tem um som e, juntando essas letras tornamos as sílabas e conseqüentemente, as palavras.	Depende de cada criança autista, pois uns aprendem mais no formato de sons, outros no formato visual, dessa forma os livros ilustrados e em tamanhos adequados chamam mais a atenção dos mesmos, o ambiente também favorece muito nessa etapa do desenvolvimento, o manuseio de material concreto e as leituras realizadas pela professora de uma forma bem lúdicas e envolventes.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para a pergunta em questão, observa-se que a professora Fernanda dispõe de um entendimento mais restrito, no que concerne aos requisitos que são necessários para o desenvolvimento dessas habilidades. No entanto, a meu ver, professora Bruna demonstra um amplo conhecimento sobre os requisitos que são importantes para as habilidades de leitura, explicitando que existem diferenças na forma de aprendizado de cada criança e, neste caso, é primordial saber qual a forma de aprendizagem que mais se adequa a cada aluno para um melhor desenvolvimento das habilidades de leitura das crianças.

Diante disso, Gomes, Carvalho e Souza (2014) apontam que crianças com TEA têm maiores dificuldades na aprendizagem através dos métodos convencionais de ensino e, para tanto, faz-se necessário uma adequação pedagógica. Para os autores fica evidente a importância de obter métodos apropriados para cada criança, já que elas podem apresentar dificuldades em aprender os conteúdos quando são ensinados utilizando um método tradicional de ensino.

Posteriormente, foi perguntado às professoras a respeito de como elas desenvolvem a aprendizagem da leitura e da escrita em crianças com TEA em sala de aula, onde as respostas podem ser visualizadas no Quadro 06.

Quadro 06: Entrevista – Pergunta 5

Como você desenvolve a aprendizagem da leitura e da escrita para as crianças que são diagnosticadas com a TEA? Explique com riqueza de detalhes.	
PROFESSORA FERNANDA	PROFESSORA BRUNA
Estimulando o interesse pela leitura, através da leitura deleite e da contação de histórias. Outra forma que uso é o bingo de sílabas e palavras, onde a criança recebe uma cartela com sílabas e/ou palavras e vou sorteando essas sílabas ou palavras	Primeiramente com a motivação utilizando de materiais concretos disponíveis e materiais confeccionados como jogos lúdicos com letras, números ou sílabas, livros de leitura ilustrados de forma bem ampla e visível com a leitura realizada

para que ela procure se as tem em sua cartela.	diariamente para estimulação da mesma. Vale ressaltar que a metodologia do professor deverá ser realizada de acordo com o nível de aprendizagem do aluno, ou seja, após uma sondagem sobre o desenvolvimento do mesmo.
--	--

Fonte: Elaborado pelo autor

Diante das respostas apresentadas, fica evidente que as professoras utilizam diferentes métodos de ensino, sendo que a metodologia da professora Fernanda difere da usada pela professora Bruna, visto que, esta última preocupa-se em utilizar uma metodologia de acordo com a aprendizagem e desenvolvimento de cada aluno.

Um aspecto relevante citado pela professora Fernanda diz respeito à leitura deleite, já que esta é importante para o estímulo à leitura da criança, todavia, ela não especifica com riqueza de detalhes os materiais utilizados. Nesse sentido, Sampaio e Oliveira (2017) falam da necessidade dos educandos em encontrar meios para chamar a atenção dos seus alunos com TEA, tal fato pode ocorrer por meio de enunciados, considerados fáceis e significativos, além de textos adequados para que seus discentes pratiquem a leitura. Sobretudo, quando partimos do princípio de que é a qualidade dos textos disponibilizados pelos professores que irá fazer a diferença na aprendizagem da leitura para que as crianças possam adquirir uma habilidade linguística, mesmo que apresente alguma limitação.

Diante da análise, é importante evidenciar que crianças com TEA, se bem motivadas, são capazes de desenvolverem habilidades de leitura com maiores êxitos, mesmo apresentando algumas limitações. Neste caso, é importante que os educadores usem meios apropriados para estimular estas crianças e, com isso, obtenham resultados eficazes. Porém, é necessário que o professor identifique os sintomas manifestados pelos seus alunos, bem como o grau dos sinais apresentados em cada criança com TEA (SAMPAIO; OLIVEIRA, 2017).

Com relação à sexta pergunta apresentada no Quadro 07, foi questionado sobre o entendimento por parte das professoras acerca de alguns recursos para uma maior eficiência na compreensão da leitura.

Quadro 07: Entrevista – Pergunta 6

Você sabe que para uma maior eficiência na compreensão da leitura podemos usar alguns recursos? Se sim, qual(is)?	
PROFESSORA FERNANDA	PROFESSORA BRUNA
Sim. Através da leitura deleite (leitura diária) Procurar sempre temas que sejam de seu interesse	Livros ilustrados legíveis, jogos e material de apoio que incentivem na leitura, alfabeto móvel ilustrado dentre outros recursos.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nesta questão, a professora Fernanda fala a respeito de utilizar uma leitura diária e com temas que sejam de interesse da criança. Embora haja outros recursos, como por exemplo, o alfabeto móvel que, também, é importante e foi citado pela professora Bruna, demonstrando que tem maior conhecimento sobre os recursos disponíveis para uma maior compreensão da leitura por parte dos alunos com TEA.

Nessa perspectiva, Grenzel (2017) destaca que mais importante que os meios auditivos são os recursos visuais, pois eles auxiliam na compreensão e adesão das crianças ao método de ensino. Além do mais, devido às crianças com TEA apresentarem tendência à dispersão, é interessante que seja feito o uso de atividades de curta duração, com instruções visuais e orais objetivas, acompanhadas de conteúdos que sejam do interesse dos discentes.

Logo, para Sousa (2015), a inclusão de alunos especiais envolve uma variedade de ações, incluindo a adequação do espaço e a obtenção de recursos para materiais didáticos que

contribuam para que as ações pedagógicas sejam mais dinâmicas e envolventes, contribuindo para o desenvolvimento dos alunos especiais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Traço as minhas considerações finais, a partir de meu objetivo geral que foi analisar como são desenvolvidos os métodos utilizados em leitura com crianças com Transtorno do Espectro de Autismo (TEA) em uma escola de ensino fundamental na cidade de Montadas-PB. Por essa razão, ao termos analisado os questionários constatamos, nessa pesquisa, que ainda existe despreparo e falta de conhecimento dos profissionais com relação às informações e manifestações do autismo na escola analisada. No que se refere aos recursos que os professores utilizam para acompanhar o desenvolvimento e aprendizagem de alunos com autismo, observa-se que alguns docentes têm maior conhecimento sobre os requisitos necessários que são importantes para as habilidades de leitura. Logo, isso demonstra que existem diferenças no aprendizado de cada criança sendo importante procurar meios para identificar qual a melhor forma de aprendizagem que mais se adequa a cada discente para que ocorra um desenvolvimento satisfatório das habilidades de leitura nos alunos com TEA.

Além do mais, os profissionais da escola analisada reconhecem e fazem uso de diferentes métodos de ensino e aprendizagem no tocante à oralidade. Porém, nem todos os educandos utilizam uma metodologia apropriada, sendo o mais adequado um método de ensino de acordo com a aprendizagem e desenvolvimento de cada aluno.

Portanto, para que os alunos com TEA desenvolvam habilidades de leitura eficientes, apesar das limitações apresentadas pelos discentes, faz-se necessários que os educadores utilizem métodos adequados para motivar essas crianças e, assim, alcançar resultados efetivos.

Por mais que alguns docentes se destaquem no entendimento sobre o autismo e na metodologia de ensino para seus alunos com TEA, ainda assim, a formação e as informações desses profissionais são insuficientes para desenvolverem um trabalho satisfatório e significativo com seus discentes. Devido às dificuldades na adaptação com o mundo exterior por parte do aluno com TEA, é importante que a escola considere uma adequação do contexto, já que a escola também deve ser inclusiva e não apenas a sala de aula. Neste sentido, é importante que se produza, por parte da escola, uma rotina de situação, tanto no tempo como no espaço, como processo de adaptação e desenvolvimento destes alunos.

Por fim, é de suma importância que ocorra uma expansão nos estudos acerca do tema apresentado, visto que, ainda existe uma grande deficiência na utilização de métodos adequados para que ocorra, de fato, a inclusão escolar destes alunos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, L. da S. Autismo e relação familiar: Contribuições da logoterapia para a autotranscendência. 2015. 25f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2015. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/8579>. Acesso em: 03 jul. 2022.
- ANTUNES, C. dos S. Estratégias para estimular a aprendizagem, a oralidade e a interação social de um aluno com características de autismo. 48 p. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Licenciatura em Letras – Português / Inglês e Respectivas Literaturas) – Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, Bagé, 2015. Disponível em: <https://dspace.unipampa.edu.br/handle/rii/2595>. Acesso em: 06 out. 2022.
- BANDIM, J. M. **A criança autista e a escola**. Recife, Bagaço, 2011.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- CHIOTE, F. A. B. **Inclusão da criança com autismo na educação infantil**: Trabalhando a mediação pedagógica. Rio de Janeiro: Wak, 2013.
- CIRÍACO, F. L. A leitura e a escrita no processo de alfabetização. **Revista Educação Pública**, v. 20, n. 4, 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/4/a-leitura-e-a-escrita-no-processo-de-alfabetizacao>. Acesso em: 09 jul. 2022.
- Educação Especial: Autismo no ensino fundamental II da escola estadual de ensino fundamental e médio Casimiro de abreu**. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/educacao-especial-autismo-no-ensino-fundamental-ii-escola-estadual.htm>. Acesso em: 29 mar. 2021.
- FÉLIX, A. de O. Os desafios do educador frente ao processo de ensino e aprendizagem do aluno autista. 2017. 18f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2018. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/16429>. Acesso em: 04 jul. 2022.
- FREITAS, S. N. A formação de professores na educação inclusiva: construindo a base de todo o processo. In: RODRIGUES, David (org). **Inclusão e Educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus. 2006, pp. 162-179.
- GADIA, C. Aprendizagem e Autismo. In: ROTTA, N. T.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. S. (Orgs.) **Transtornos da aprendizagem**: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. (2ed) Porto Alegre: Artmed, 2016. pp. 440-449.
- GOMES, C. A. V. O lugar do afetivo no desenvolvimento da criança: implicações educacionais. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 18, n. 3, p. 509-518, jul./set, 2013. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em: 29 mar. 2021.

GOMES, C. G. S. **Ensino de leitura para pessoas com autismo**. Curitiba: Appris, 2015.

GOMES, C. G. S.; CARVALHO, B. S. S.; SOUZA, D. das G. Aspectos relevantes do ensino de leitura para pessoas com transtorno do espectro do autismo. **Revista Comportamento em foco**, v. 3, p. 59-68, 2014.

GRENZEL, F. B. A alfabetização de crianças autistas. 2017. Disponível em: <https://www.ijuinews.com.br/index.php?m=news&a=detail&id=1041>. Acesso em: 20 ago. 2022.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, PoMarli E. D. A. **Pesquisa em Educação – Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANTOAN, Maria. Teresa. E. Inclusão social: o que é? por quê? como fazer? (Coleção cotidiano escolar). **Ed. Moderna**, São Paulo, 2003, pp. 12-20.

MATTOS, L. K.; NUERNBERG, A. H. Reflexões sobre a inclusão escolar de uma criança com diagnósticos de autismo na Educação Infantil. **Revista Educação Especial**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 129–141, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/1989>. Acesso em: 5 jul. 2022.

MARTINS, M. H. O que é leitura. 1983. Disponível em: <http://tpleitura.pbworks.com/w/file/attach/64335735/Maria%20Helena%20Martins%20O%20que%20%C3%A9%20leitura.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2022.

MEYER, L. K. C. A compreensão de leitura e a teoria da mente em crianças com autismo. 2018. 190f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, Minas Gerais, 2018. Disponível em: <http://www.univas.edu.br/me/docs/dissertacoes2/142.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2022.

OLIVEIRA, T. de. O autismo na educação infantil. 2019. 44f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2019. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/20140>. Acesso em: 08 jun. 2022.

OLIVEIRA, J. de; PAULA, C. S. de. Estado da arte sobre inclusão escolar de alunos com transtornos do espectro do autismo no Brasil. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, [S. l.], v. 12, n. 2, 2018. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgdd/article/view/11223>. Acesso em: 29 mar. 2021.

ONOHARA, A. M. H.; SANTOS CRUZ, J. A.; MARIANO, M. L. Educação inclusiva: o trabalho pedagógico do professor para com o aluno autista no ensino fundamental I. DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação, Araraquara, v. 20, n. 2, p. 289–304, 2018. DOI: 10.30715/doxa.v20i2.12020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/12020>. Acesso em: 03 abr. 2021.

PAIM, L. E. P. A Tecnologia educacional e o transtorno do espectro autista (TEA): possibilidades e desafios na alfabetização. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialidade

em Informática Instrumental) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/197648>. Acesso em: 04 jul. 2022.

PAULINO, K. V. T. **Autismo**. São Carlos: Universidade de São Paulo (USP), 2015.

PELIN, L. **Estratégias para a Inclusão de Alunos com Transtorno do Espectro Autista**. 2013. 43 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4458/1/MD_EDUMTE_2014_2_96.pdf. Acesso em: 02 abr. 2021.

PROETTI, S. **As pesquisas qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: um estudo comparativo e objetivo**. Revista Lumen, v. 2, n. 4, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.32459/revistalumen.v2i4.60>. Acesso em: 08 jun. 2022.

REDMERSKI, M. O. M. **Desenvolvimento e aprendizagem de alunos com autismo em sala de aula**. 2018. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/bitstream/tede/2420/2/MonalisadeOliveiraMirandaRedmerskiDissertacao2018.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2021.

RODRIGUES, V.; ALMEIDA, M. A. Implementação do Pecs Associado ao Point-Of-View Video Modeling na Educação Infantil para Crianças com Autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 26, n. 3, p. 403-420, 2020.

ROQUE, C. L. B.; CANEDO, M. L. A importância do incentivo à leitura nos primeiros anos da infância. 2015. Disponível em: https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccg/licenciaturas/pibid/download/seminario_pibid_sudeste_201510_cassia_roque.pdf. Acesso em: 04 jul. 2022.

SAMPAIO, C. M. T.; OLIVEIRA, G. F. O Desafio da Leitura e da Escrita em Crianças com Perturbação do Espectro do Autismo. **ID on line. Revista de psicologia**, [S.l.], v. 11, n. 36, p. 343-362, jul. 2017. ISSN 1981-1179. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/796>>. Acesso em: 19 ago. 2022.

SANTOS, A. A. A.; FERRAZ, A. S. Avaliação de habilidades relacionadas à compreensão de leitura no ensino fundamental. **Psico**, Porto Alegre, n. 48, v. 1, p. 21- 30, 2017.

SANTOS, R. R. dos. O autismo na Pré-escola: pontos e contrapontos. 2019. 42f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2019. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/18132>. Acesso em: 05 jul. 2022.

SILVA, A. B. B. Mundo singular: entenda o autismo / Ana Beatriz Barbosa, Mayara Gaiato, Leandro Thadeu Reveles. Editora Objetiva. Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, C. dos S. Inclusão de crianças autistas no processo de leitura. 2018. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Biblioteconomia, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: <http://bdm.ufpa.br/jspui/handle/prefix/531>. Acesso em: 04 jul. 2022.

SILVA, M. C. L. C. **Aprendizagem da Leitura e Escrita em Crianças com Perturbações do Espectro do Autismo**: Propostas Pedagógicas. 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Artes e Letras, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2011.

SILVA, P. D. M. Relato de experiência profissional: uma estudante com transtorno do espectro do autismo numa escola regular da rede municipal de Campina Grande – PB. 2021. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2022. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/26118>. Acesso em: 08 jun. 2022.

SOUSA, M. J. S. de. Professor e o autismo: desafios de uma inclusão com qualidade. 2015. 34 f. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar)—Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Brasília, 2015. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/15847>. Acesso em: 24 out. 2022.

SOUZA, J. C. S. de; SANTOS, D. O. dos. O autista com dificuldade de leitura e escrita - métodos de aprendizagem. **Revista Educação Pública**, v. 21, n. 21, 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/21/o-autista-com-dificuldade-de-leitura-e-escrita-metodos-de-aprendizagem>. Acesso em: 09 jul. 2022.

UCHÔA, Y. F. A criança autista na educação infantil: desafios e possibilidades na educação inclusiva. 2015. 40f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2015. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/7959>. Acesso em: 03 jul. 2022.

VITORINO, T. L. H. M. **Transtornos do Espectro Autista**: Revisão de Literatura. 2019. 13f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2019. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/23374>. Acesso em: 10 jun. 2022.

AGRADECIMENTOS

De início, agradeço a Deus, por ter me dado tamanha força e sabedoria para poder chegar até aqui. Sem Ele, nada seria possível.

Aos meus pais e irmãos, em especial a minha mãe Lúcia de Fátima, meu pai Antônio (*in memoriam*), dois agricultores que além de cultivar a terra, cultivaram em meu coração o amor pelos estudos como um instrumento de libertação, que foram pessoas fundamentais para que eu pudesse realizar esse sonho, por todo o apoio, o incentivo e, principalmente, por acreditarem que eu seria capaz de conseguir.

À minha orientadora, Maria do Socorro Moura Montenegro, por tamanha paciência, carinho e pela disponibilidade que teve comigo, por ter acreditado na minha capacidade de realizar este trabalho.

Em especial, agradeço ao meu namorado Diego, que sempre esteve presente, por todos os conselhos, toda colaboração e esforço. Por caminhar comigo até aqui e não medir esforços para me ajudar com tudo que fosse necessário e por me fazer acreditar que tudo é possível, basta perseguir os sonhos.

Agradeço também a profissional incrível, a professora regente da turma onde estagiei, Rejane Batista (*in memoriam*), que sempre acreditou no meu potencial e me motivou a ser um bom profissional.

A diretora da escola onde fiz minha pesquisa, Rúbia, e as professoras participantes da pesquisa, Ana Alice e Francineide, por todo acolhimento, apoio, disponibilidade e paciência.

Aos meus colegas de curso, que são especiais e foram peças fundamentais de incentivo, força, coragem e apoio durante a minha vida acadêmica, com quem vivi intensamente durante esses quase 6 anos, pela troca de experiências que me permitiram crescer e, por todos os momentos de alegria dentro e fora da universidade.

E a todos aqueles que de maneira direta ou indireta me apoiaram e incentivaram na conquista de mais uma etapa na minha vida.